

Analizando o Dicionário de Sinais do Brasil para o ensino de história e cultura afro-brasileira



Laura Barbosa Gomes¹



Lucas Vilaça Ribeiro²

¹Centro Universitário do Norte Fluminense, Licenciada em Letras /Libras em Campos dos Goytacazes. laura-barbosagomes42@gmail.com

²Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Mestrando em Educação Bilingue no Rio de Janeiro, lribeiro@aluno.ines.gov.br

Resumo

Este trabalho surge a partir de inquietações que perpassam a identidade histórica, cultural e o viés profissional dos seus autores, buscando avaliar a eficácia do Dicionário de Libras na sala de aula, sua utilidade e impacto na conscientização e respeito pela herança afro-brasileira e, dessa forma, contribuir com o ensino dos estudantes Surdos e com a atuação de tantos outros profissionais envolvidos nesse processo. Buscar-se-ão, nesta reflexão, após análise da Lei nº 10.639/2003, artigos publicados que tenham a mesma relação com a legislação e a principal fonte documental de pesquisa de sinais em Libras (Língua Brasileira de Sinais), isto é, o Dicionário de Sinais do Brasil. Pretende-se, assim, desvelar e oferecer uma ponte entre duas dimensões cruciais da educação brasileira: a valorização da herança cultural afro-brasileira e a inclusão de pessoas Surdas, buscando, então, refletir e reforçar a possível necessidade de atualização de tal fonte para que contribua da melhor forma no ensino dos discentes Surdos acerca da História e Cultura Afro-Brasileira. Além disso, ressaltar a importância de políticas educacionais que fomentem a acessibilidade e a diversidade cultural nas escolas, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Ensino; Libras; História Afro-Brasileira.

Abstract

This work arises from concerns encompassing the historical, cultural, and professional identities of its authors, aiming to evaluate the effectiveness of the Libras Dictionary in the classroom, its utility, and impact on the awareness and respect for Afro-Brazilian heritage. By doing so, it seeks to contribute to the education of Deaf students and the performance of numerous professionals involved in this process. This reflection will be pursued through the analysis of Law 10.639/2003, published articles related to the legislation, and the main documentary source of research on Libras (Brazilian Sign Language), the Dicionário de Sinais do Brasil. The goal is to reveal and bridge two crucial dimensions of Brazilian education: the appreciation of Afro-Brazilian cultural heritage and the inclusion of Deaf people. It aims to reflect and reinforce the potential need to update this resource to better support the education of Deaf students about Afro-Brazilian History and Culture. Additionally, it highlights the importance of educational policies that foster accessibility and cultural diversity in schools, contributing to a more just and equitable society.

Keywords: Non-manual articulators. Deaf Education. Science and Chemistry Education.



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK:

<https://youtu.be/ZmulrFHm51c>



Introdução

De onde viemos? Quais são nossas origens? São questionamentos que podem parecer simples, porém apresentam em sua estrutura uma complexidade, pois fazem menção à origem histórica de cada povo, sua composição, seus dilemas sociais, entre outros. Por esse motivo, se faz necessário o ensino da história de cada povo nas instituições escolares. A escola exerce um papel crucial na difusão e preservação dessa história, desenvolvendo nos discentes uma consciência cultural e um senso crítico, possibilitando, assim, que eles preservem e valorizem os aspectos culturais e históricos de todos os povos, incluindo, em específico, a história e cultura do seu próprio povo.

O povo brasileiro, por exemplo, é formado a partir da miscigenação dos povos que aqui já habitavam (os indígenas) com os europeus “descobridores desta terra”, termo atribuído pela história institucionalizada, e com os povos africanos vindos para o Brasil no século XVI de forma escravizada. É desses povos e histórias que se compõe a formação cultural do povo brasileiro, e, neste artigo, destacar-se-á o povo africano.

De acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2021, no Brasil existem 212,7 milhões de pessoas, entre elas 56,1% se autodeclararam pretas ou pardas (nomenclatura utilizada pelo IBGE), o que corresponde a quase 110 milhões de pessoas.

A pesquisa ainda aponta que o Brasil é o país com a segunda maior população de origem africana no mundo, ficando atrás apenas da Nigéria. Logo, a influência dessa ancestralidade repercute em várias esferas da atual sociedade brasileira, ainda que sejam, muitas vezes, desconhecidas. Os africanos vieram escravizados para o Brasil para trabalhar em um ramo mais avançado da indústria ocidental no século XVI: a indústria açucareira. O percurso até chegar aqui foi sofrido, essas pessoas escravizadas vivenciaram horrores na travessia do Atlântico. O poema O Navio Negreiro de Castro Alves, escrito em 1868, relata com

muita veracidade essa dura realidade:

(...)

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

(...)

Em suas bagagens, trouxeram uma diversidade linguístico-cultural, religiões e costumes, mas também algumas palavras, comidas e religiosidades que, seguidas por adeptos, são oriundas da herança trazida pelos africanos. Entretanto, essa história por muito tempo foi negligenciada e contada pelo olhar do colonizador, que ensina que a construção histórico-cultural do Brasil se deu pela influência de outros povos, destacando a história afro-brasileira apenas de forma folclórica, como se o povo negro não tivesse feito parte da cultura, arte e tradições do País. Munanga (2012) afirma:

O primeiro fator constitutivo da identidade é a história. No entanto, essa história, mal a conhecemos, pois ela foi contada do ponto de vista do “outro”, de maneira depreciativa e negativa. O essencial é reencontrar o condutor da verdadeira história do Negro que o liga à África sem distorções e falsificações (MUNANGA, 2012, p. 12).

Diante dessa afirmativa, é importante refletir sobre a relevância da Lei nº 10.639/2003, quando fica determinado que a história e cultura afro no Brasil seja ensinada nas escolas, permitindo assim a construção e a preservação dessa história, dando visibilidade aos “saberes africanos” e, por conseguinte, dando notoriedade à reconstrução da imagem desse povo no Brasil. De acordo com Pereira (2010, p. 14), “existe uma história do negro sem o Brasil; o que não existe é uma história do Brasil sem o negro”.

Dessa forma, tendo em vista a importância de ensinar História e Cultura Afro-Brasileira e a obrigatoriedade da lei, surge uma inquietação sobre toda a problemática que até aqui foi refletida: esse ensino está sendo acessível a todos?

Pensando em uma sala de aula que apresenta diversidade, onde cada discente possui suas peculiaridades, fica a dúvida se eles estão tendo acesso ao ensino dessa história de forma clara e compreensível.

O escopo deste trabalho consiste em refletir sobre as pessoas Surdas (será visto durante o texto a utilização da terminologia de Surdo com “S” maiúsculo por se tratar de uma questão identitária). Wilcox (2005) afirma que “Os termos deficiente auditivo – considera a surdez patológica –, surdo – usado com s minúsculo, para se referir à sua condição audiológica de não ouvir – e Surdo, com S maiúsculo, para representá-lo como sujeito cultural e político”.

Esses sujeitos apresentam história, cultura e identidades próprias. Segundo Gladis Perlin (1998), “o surdo não é visto de forma submissa, mas sim como sujeito político que se constitui a partir de suas representações sobre a diferença”. Esse sujeito não deve ser visto apenas como uma pessoa com deficiência auditiva (olhar patológico), mas sim linguisticamente diferente (olhar político), que se utiliza da Libras (Língua Brasileira de Sinais), a língua que, politicamente, é uma das marcas de sua identidade.

Considerando o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA, 2019), que se apresenta como uma referência nacional para a pesquisa de sinais, surge a questão de saber se seu conteúdo oferece, de forma satisfatória, sinais que auxiliam no ensino da cultura afro-brasileira, abrangendo aspectos como história, religião e cultura. Nesse sentido, é crucial avaliar a amplitude e a profundidade dos sinais incluídos no dicionário, verificando se estes cobrem de maneira adequada os temas relevantes para a valorização e compreensão da herança afro-brasileira. Portanto, a análise deste recurso é essencial para determinar sua eficácia e utilidade no contexto educacional voltado para a inclusão e diversidade cultural.

Com base na problemática anteriormente levantada, este artigo propõe, como uma das etapas do objeto de estudo, a análise do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (DSB) como material didático, utilizando uma abordagem de pesquisa documental e bibliográfica. Esse dicionário é fruto de um extenso programa de pesquisas em lexicografia da Libras e cognição de Surdos, iniciado em 1989, e foi produzido por quatro autores: Fernando C. Capovilla, Janice G. Temoteo, Antonielle C. Martins e Walkiria D. Raphael.

O dicionário é composto por sinais, parâmetros fonológicos para a execução desse sinal, palavra em português e inglês, datilologia (que é a representação utilizando o alfabeto manual correspondente à forma escrita do português) e a representação em *signwriting* (sistema gráfico que expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação através de

símbolos e que permite ler e escrever as línguas de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral-auditiva).

Para aprofundar essa análise, realizou-se uma busca por palavras relacionadas à história e cultura afro-brasileira nos livros didáticos e paradidáticos de História do ensino fundamental II utilizados na rede municipal de ensino do município de São Francisco de Itabapoana, no Estado do Rio de Janeiro. Esse município foi escolhido devido ao vínculo empregatício dos autores com a rede de ensino local, o que permitiu uma observação mais próxima e criteriosa da educação nesse contexto.

O objetivo dessa busca foi verificar se as palavras encontradas nos artigos são utilizadas no cotidiano escolar para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Após a identificação dessas palavras nos livros didáticos e paradidáticos, verificou-se no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil se tais palavras possuem seus respectivos sinais em Libras.

A partir dessa perspectiva, elaborou-se um quadro contendo a relação de palavras encontradas nos materiais didáticos do ensino fundamental II e a correspondente verificação de seus sinais no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil. Essa análise permitiu avaliar a eficácia e a abrangência do dicionário como ferramenta didática, contribuindo para o ensino de alunos Surdos e promovendo uma educação mais inclusiva e culturalmente rica.

Visto que por um longo tempo a história da cultura afro-brasileira foi negligenciada, e contada sob o ponto de vista do outro e de seus interesses, segundo Djamilia Ribeiro (2019), “não dá para lutar contra o que não se pode dar nome. [...] E, quando não se sabe de onde vem, é mais fácil ir para onde a massa diz que é o seu lugar”. Portanto, existe mais probabilidade de modificar a realidade, lutar por direitos se proporcionar aos estudantes Surdos e negros o conhecimento necessário.

Vivemos em uma sociedade permeada de preconceitos e discriminações. Pertencer a uma minoria significa estar suscetível a uma invisibilidade sobre a questão identitária com valor positivo, e isso se acentua quando se trata do Surdo negro. Por isso, faz-se necessária uma noção de pertencimento, e só o acesso à história e à cultura do seu povo pode estimular isso.

Quando falamos no ensino a pessoas Surdas, que é o foco principal do artigo em questão, são essas que utilizam a Libras, logo, é preciso analisar se esse conhecimento está acessível de forma satisfatória a elas, baseado na análise da principal fonte de pesquisa de sinais, que é o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil, no qual se pode encontrar os sinais e suas variações.

Portanto, é essencial refletir sobre a necessidade de atualizar e criar novos si-

nais na principal fonte documental da Libras. Essa reflexão deve envolver surdos, docentes e educandos que atuam na educação de pessoas surdas, visando proporcionar um ensino seguro e de qualidade. Ao considerar essa atualização, será possível garantir que os sinais presentes na Libras atendam adequadamente às necessidades educacionais e culturais dos surdos, promovendo uma experiência de aprendizagem mais inclusiva e eficaz, além de assegurar a disseminação na forma de registro documental para que esse alcance a todos que, de alguma forma, buscam tal conhecimento e utilizam a Libras.

Assim, a presente pesquisa tem o anseio de refletir sobre a importância do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, a valorização deste conteúdo para os estudantes Surdos, a partir da principal fonte de pesquisa de sinais, que é o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil. O estudo desenvolvido trata-se de uma pesquisa bibliográfica, e sua realização é feita por meio da leitura, análise e interpretação de livros, periódicos (jornais, revistas etc.), artigos, documentos monográficos, sites confiáveis, entre outras fontes secundárias postas para esse processo. Algo que, segundo Gil (2008, p. 69), caracteriza-se por:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exibido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Junto à pesquisa bibliográfica será feita uma pesquisa documental, pois será utilizado como fonte de pesquisa o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil, que é umas das principais fontes de pesquisas de sinais. A pesquisa documental é um tipo de pesquisa que utiliza fontes primárias, isto é, dados e informações que ainda não foram tratados cientificamente ou analiticamente. De acordo com Gil (2008, p. 70):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Em relação aos métodos utilizados, será uma pesquisa qualitativa que possui caráter exploratório, pois partirá de informações ou conhecimentos prévios sobre o tema de estudo. Baseado em Gil (2005, p 46), “as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, inclui levantamen-

to bibliográfico e entrevistas”.

1 A importância do ensino

Ao refletir sobre o conceito de ensino, é possível encontrar diversos significados, entre eles estão o ato de instruir e/ou orientar e também transmitir conhecimento. Entendendo que ensino é um processo pelo qual conhecimento, habilidades e informações são transmitidos de uma pessoa ou fonte de conhecimento para outra, o ensino não é neutro, pois tem em foco alcançar determinados objetivos e pode acontecer em várias esferas da sociedade, sejam elas institucionais ou não. Contudo, este trabalho refletirá o processo institucional de ensino.

O conceito de ensino evoluiu significativamente ao longo da história. Durante um período, a tendência pedagógica mais utilizada era a tradicional, na qual o ensino era frequentemente restrito a uma abordagem centrada na figura do professor como a única fonte de conhecimento. Hoje, o ensino é mais participativo e orientado para o discente, promovendo a autonomia e a construção ativa do conhecimento.

O ensino é um componente fundamental da educação e desempenha um papel essencial no desenvolvimento intelectual, social e cultural de indivíduos e sociedades. De acordo com Imídio Nérici (1985, p. 100):

Ensino é um processo que visa modificar o comportamento do indivíduo por intermédio da aprendizagem, com o propósito de efetivar as intenções do conceito de educação, bem como habilitar cada um a orientar sua própria aprendizagem, a ter iniciativa, a cultivar confiança em si, a esforçar-se, a desenvolver a criatividade e a entrosar-se com seus semelhantes, a fim de poder participar da sociedade como pessoa consciente, eficiente e responsável.

O ensino desempenha um papel na vida individual e coletiva, e sua importância é amplamente reconhecida. Entre várias razões pelas quais o ensino é fundamental, faz-se necessário destacar duas. Em primeiro lugar, ressalta-se que é através do ensino que as pessoas aprendem sobre sociedade, história e cultura, e esse tipo de ensino é fundamental para formar cidadãos informados e conscientes das suas raízes, tornando-os capazes de participar ativamente na democracia e nas tomadas de decisões de assuntos referentes ao seu povo. Em segundo lugar, o ensino proporciona a preservação cultural e histórica, desempenhando um papel fundamental na transmissão da cultura, da língua e de tradições de uma sociedade e/ou povo de uma geração para outra, logo, ajuda a manter a identidade e promove o respeito pela diversidade.

O ensino é um pilar fundamental do desenvolvimento humano e social. Ca-

pacita indivíduos, fortalecendo culturas e histórias, desempenhando um papel imprescindível na construção de um mundo mais informado e lhes garantindo condições de se desenvolver. De acordo com Imídio Nérici (1985, p. 105) “o ensino deve, pois, criar condições para que o indivíduo possa desenvolver-se plenamente e condições, ao mesmo tempo, para emprestar o seu potencial de pessoa à comunidade, como criatura sociabilizada e consciente, qual cidadão participante.”

Sobre o conceito e importância do ensino, vale destacar que o ensino é determinante na construção e no fortalecimento da cultura e da história. Então, a partir desse entendimento, ao longo do presente artigo, buscar-se-á refletir sobre a temática do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, sua importância e como esse ensino tem sido alcançado por parte dos discentes Surdos, visto que, como já mencionado no início desse tópico, o ensino sempre tem um objetivo a ser alcançado.

Ensino é uma parte vital do processo educacional, isto é, todas as atividades que fazem parte do dia a dia de uma instituição de ensino se envolvem nesse processo: as metodologias de ensino, conteúdos e ações de comunicação com os discentes. A compreensão profunda sobre o tema é fundamental para a construção de uma sociedade com consciência crítica.

2 Importância do ensino de História e cultura afro-brasileira

Para melhor entender a importância de ensinar a História e Cultura Afro-Brasileira, é imprescindível compreender um pouco sobre como esse povo chegou ao Brasil e quais resultados culturais e históricos foram deixados por eles.

Os africanos foram trazidos para o Brasil principalmente como parte do horrendo sistema de escravidão transatlântica, para trabalhar nas indústrias açucareiras. Esse processo de tráfico de escravos africanos para o Brasil ocorreu entre os séculos XV e XIX e resultou na chegada de milhões de africanos ao país como escravizados.

É importante destacar que essa foi uma das formas mais brutais e desumanas de exploração na história e, conseqüentemente, teve um impacto profundo na cultura e na sociedade brasileira, deixando um legado de desigualdade e injustiça que ainda é sentido atualmente. Apesar de todo o sofrimento, os africanos trouxeram uma rica e vasta influência de sua cultura e costumes, e isso pode ser observado em diversas áreas, como na música, na culinária, nas religiões, nas línguas e dialetos, nas artes e arquiteturas e até nas lutas e esportes, na moda, no vestuário e também no ativismo.

Todavia, com toda a riqueza das matrizes africanas que influenciam direta e indiretamente a cultura brasileira, sabe-se pouco sobre esse continente e sua cultura, assim como a sua difusão na contribuição para a cultura brasileira.

Por muito tempo, a cultura e a história afro-brasileira foram invisibilizadas. O ensino desse conteúdo foi negligenciado nas instituições escolares. A história da população negra no Brasil era reduzida e contada na perspectiva do horror do período escravocrata. Nas escolas, não se falava sobre temas relacionados à história e à cultura afro-brasileira, e essa história é continuamente transmitida pelo olhar daquele que não sofreu as mazelas enfrentadas pelo povo preto. Dessa forma, os alunos receberam um ensino deturpado e contaminado pelo preconceito. Como consequência, temos a omissão de informações e a desvalorização de temas importantes dentro da história. Munanga (2005, p. 16) afirma:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Essa perspectiva demonstra que o ensino da história e da cultura afro-brasileira, transmitido através do ponto de vista contaminado pelo preconceito do outro e de seus interesses, tem como consequência a deturpação da história, a reprodução de inverdades e práticas racistas, mascarando, assim, toda luta e resistência.

Pensar sobre a importância do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, e problematizar esse tema nas escolas, promove a igualdade, combate o racismo, enriquece a educação e constrói uma sociedade mais democrática, além de desempenhar um papel crucial na formação de cidadãos conscientes das suas raízes e, por conseguinte, capazes de respeitar e valorizar a diversidade.

No ano de 2003 foi assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Lei nº 10.639/03, que alterou parte da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional /Lei. nº 9.394/1996) - e determinou, através do artigo 26-A:

A inclusão, nos conteúdos escolares do ensino fundamental e médio, o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade, resgatando a importância e contribuição destes nas áreas econômicas, culturais, policiais, social e tantas outras áreas importantes na história do Brasil (BRASIL, 2003).

Desde a promulgação da Lei nº 10.639, em 9 de janeiro de 2003, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas, quer sejam públicas ou privadas, torna-se obrigatório, assegurando que os alunos brasileiros tenham direito ao estudo sobre a história e cultura afro, sua fusão com a cultura dos povos originários e europeus que se soma nessa construção cultural do Brasil, o que chamamos de afro-brasileira, bem como a representação desse povo na formação da nossa sociedade. Essa obrigatoriedade proporciona ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, social, racial e econômica brasileira.

A lei também instituiu o Dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro) em homenagem ao falecimento do líder quilombola, o negro Zumbi dos Palmares, e se observa frequentemente que as aulas e os projetos relacionados à cultura afro-brasileira são abordados somente nesse dia, principalmente devido à existência dessa lei. Essa aprovação é fruto de uma trajetória de lutas pelo reconhecimento, pela valorização e pela reparação das desigualdades entre as populações no Brasil.

Tendo em vista essa obrigatoriedade e toda a reflexão feita sobre a importância do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, faz-se necessário refletir se esse ensino está sendo transmitido a todos de forma satisfatória, pensando em uma sala de aula diversa e múltipla, na qual cada estudante possui suas peculiaridades. É importante problematizar se esse ensino está sendo ofertado de forma satisfatória também aos estudantes Surdos.

Para isso, será utilizado o artigo escrito por Lilian do Rocio Borba, no ano de 2014, graduada pela Universidade Estadual de Campinas, que tem como título “Linguagem e sócio-história afro-brasileira: desafios à formação continuada” (BORBA, 2014), e também a monografia intitulada “Palavras de origem africanas utilizadas no cotidiano: o glossário e atividades lúdicas como estratégias de ensino para surdos” (FAMELLI, 2016), escrita por Walquíria Chagas de Castro Famelli, no ano de 2016, graduada e especializada pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Ambas as obras abordam palavras de origem africana em uso no Brasil.

Em seguida, realizou-se uma busca por essas palavras nos livros didáticos e paradidáticos de História do ensino fundamental II utilizados na rede municipal de ensino do município de São Francisco de Itabapoana, no Estado do Rio de Janeiro. O objetivo era analisar se as palavras encontradas nos artigos são utilizadas no cotidiano para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Após essa busca, verificou-se no “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil” se tais palavras possuem seus respectivos sinais.

A partir dessa perspectiva, elaborou-se um quadro contendo a relação de palavras encontradas nos livros didáticos e paradidáticos do ensino fundamental 2, e se essas possuem ou não seus respectivos sinais no dicionário, como será demonstrado a seguir (Quadro 1).

Quadro 1 – Relação de palavras encontradas nos livros didáticos e paradidáticos utilizados no ensino fundamental 2 e pesquisadas no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil.

Palavras encontradas nos livros didáticos e paradidáticos	Relação da existência de sinais correspondentes
Acarajé	Sinal encontrado na p. 77.
Alforria	Sinal não encontrado.
Batuque	Sinal não encontrado.
Cachaça	Sinal encontrado na p. 493-494.
Cachimbo	Sinal encontrado na p. 494.
Candomblé	Sinal não encontrado.
Canjica	Sinal encontrado na p. 547.
Congo	Sinal não encontrado.
Capoeira	Sinal encontrado na p. 558.
Dendê	Sinal não encontrado.
Exu	Sinal não encontrado.
Fubá	Sinal não encontrado.
Iemanjá	Sinal não encontrado.
Macumba	Sinal encontrado na p. 1735.
Mandinga	Sinal não encontrado.
Mandioca	Sinal encontrado na p. 1758.
Ogum	Sinal não encontrado.
Orixás	Sinal não encontrado.
Oxalá	Sinal encontrado na p. 2039.
Pamonha	Sinal encontrado na p. 2079.
Quiabo	Sinal encontrado na p. 2370.

Quilombo	Sinal não encontrado.
Quitanda	Sinal não encontrado.
Samba	Sinal não encontrado.
Senzala	Sinal não encontrado.
Umbanda	Sinal encontrado na p. 2786.
Vatapá	Sinal não encontrado.

Fonte: Fernandes, 2016; Moderna, 2018; FTD, 2018; Capovilla et al., 2019.

Nos livros didáticos e paradidáticos do ensino fundamental II, adotados na disciplina de História das escolas da rede municipal de ensino no município de São Francisco de Itabapoana, foram encontradas 27 palavras, tal como aparece no quadro acima. Pesquisando tais palavras no “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil”, apenas 11 possuem seus respectivos sinais.

Dessa forma, pode-se levantar a hipótese de uma possível necessidade de atualização e criação de sinais que estejam inseridos nessa principal fonte de pesquisa de sinais, para que haja maior possibilidade de um ensino mais completo e qualitativo aos Surdos.

Salienta-se, que além das 27 palavras que foram encontradas no material didático utilizado como fonte, sabe-se que existem ainda outras que não estão presentes nos livros didáticos e, de acordo com essa pesquisa, também não foram encontradas no dicionário.

Entende-se que existem outras fontes de pesquisa, como glossários na internet, mas aqui não serão levados em consideração, visto que alguns não mostram credibilidade no que tange à usabilidade e à difusão na comunidade Surda.

Essa ausência de sinais referente à história e à cultura afro permite maior reflexão sobre toda problemática discutida durante o presente artigo, podendo ainda contribuir para aprofundamento futuro dessa pesquisa.

3 Considerações finais

Portanto, é importante reiterar a urgência de valorizar as inúmeras histórias imbricadas, contadas pelos afro-brasileiros, que desempenharam papel fundamental na construção da história do Brasil nos âmbitos histórico, cultural e econômico, mas que, muitas vezes, não são contatadas ao trabalhar os conteúdos. Considerando a legislação que torna obrigatório o ensino dessa temática desde 2003 e a última atualização do “Dicionário de Sinais do Brasil” em 2019, perce-

be-se a iminente urgência na atualização dos sinais já em uso nas comunidades surdas e/ou a criação de outros que ainda não existam, pois isso enriquece o vocabulário, viabiliza um ensino de qualidade para pessoas Surdas, valoriza e dá continuidade a essa história. Torna-se imprescindível uma atualização que contemple a inclusão dessas palavras e sinais, uma vez que é impossível narrar a história do Brasil sem considerar a contribuição dos negros escravizados.

Referências

- ALVES, Castro. O navio negreiro e outros poemas. São Paulo: Saraiva, 2007. (Clássicos Saraiva).
- BRASIL. Lei 10.639/03. Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana nas escolas públicas. Brasília, 2003. Brasília: MEC/Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004.
- BORBA, Lilian do Rocio. Linguagem e sócio-histórica afro-brasileira: desafios à formação continuada. 2014. Olhares: Revista do Departamento de Educação da UNIFESP, 2(2), 227–254. <https://doi.org/10.34024/olhares.2014.v2.282>
- CAPOVILLA, Fernando César et al. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos. 3 Volumes. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- FAMELLI, Walquíria Chagas de Castro. Palavras de origem africanas utilizadas no cotidiano: o glossário e atividades lúdicas como estratégias de ensino para surdos. 64 f. Orientador: Isabela de Saraiva de Queiroz. 2016. Monografia (Curso de especialização de gênero e identidade) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33099> Acesso em: 02 out. 2023.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil, Novos Estudos, [S. l.], p. 26-44, 27 nov. 1985. Disponível em: https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/2128310/mod_resource/content/1/ASG_racismo_e_anti_racismo_NE%2043_1995.pdf Acesso em: 28 jul. 2023.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Ação educativa, 2004.
- MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na Escola. 2. ed. Ministério da Educação. Brasília: Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade étnico-cultural: a importância da história do negro e da África no sistema educativo brasileiro. Relações étnico-raciais e diversidade, [s. l.], 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/23035352/RELA%C3%87%C3%95ES_%C3%89TNICO_RAIAIS_E_DIVERSIDADE . Acesso em: 28 jul. 2023.
- NÉRICI, Emídio. Educação e ensino. São Paulo: IBRASA, 1985.
- NUNES, M. V.; PORTELA, M. G. As representações sociais da identidade surda e o direito ao reconhecimento. Revista_Mídia_e_Cotidiano, v. 11, n. 1, p. 88, 17 maio 2017.
- RIBEIRO, Djamilia. Lugar de fala. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- WILCOX, S.; WILCOX, P. P. Aprender a Ver. Tradução de Tarcício de Arantes Leite. Petrópolis: Arara Azul, 2005.